

Introdução ao volume especial sobre Teoria das Molduras Relacionais (RFT)¹

William F. Perez

Paradigma – Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE)

A Teoria das Molduras Relacionais, comumente chamada no Brasil pela sigla em inglês RFT (*Relational Frame Theory*; Hayes, Barnes-Holmes, & Roche, 2001), é uma explicação comportamental contemporânea da linguagem e da cognição. Como uma explicação comportamental, sua unidade de análise para a compreensão desses fenômenos parte de uma visão monista e pragmatista: behaviorista radical – ou contextualista funcional (e.g., Gifford & Hayes, 1999), nos termos de seus criadores. A partir dessa perspectiva, a linguagem e a cognição são compreendidas na interação do organismo com contingências de reforçamento mediadas por uma comunidade verbal, que modela e mantém operantes relacionais generalizados ou, mais tecnicamente, o responder relacional arbitrariamente aplicável (RRAA; ver Hayes et al., 2001; Perez, no prelo).

O RRAA, como unidade de análise básica proposta pela RFT, precisa ser definido de tal modo que esse comportamento possa ser distinguido de outras classes de comportamentos. As características definidoras do RRAA são, em última instância, o subproduto de um processo extenso de aprendizagem no qual propriedades funcionais vão sendo modeladas e mantidas pela sua utilidade na interação com os membros da comunidade verbal ou na solução de problemas cotidianos do próprio organismo que se comporta (Hayes & Sanford, 2014; Perez, no prelo). A primeira propriedade, a implicação mútua, sinaliza o caráter bidirecional que caracteriza as relações arbitrárias que compõem a linguagem, por exemplo, a relação símbolo-referente ou qualquer outro tipo de relação que possa ser convencionalizada entre dois eventos: se $A = B$, logo $B = A$; se $A < B$, logo $B > A$, etc. A segunda pro-

priedade, a implicação combinatória, diz respeito à possibilidade de que relações mutuamente implicadas sejam combinadas, formando redes maiores de relações que influenciarão o responder: se $A = B$ e $B = C$, logo $A = C$ e $C = A$; se $A < B$ e $B < C$, logo $A < C$ e $C > A$. A terceira e última propriedade, a transformação de função, descreve o fenômeno, sistematicamente replicado, no qual estímulos arbitrariamente relacionados podem adquirir funções indiretamente ou ter suas funções transformadas em acordo com o tipo de relação implicada: seguindo o caso anterior, se A é um reforçador condicionado, B e C serão reforçadores derivados pela relação de igualdade ou equivalência implicada com o estímulo A ; no segundo caso, B e C serão progressivamente mais reforçadores do que A , dado o ranking de comparação convencionalizado envolvendo tais estímulos. O RRAA pode, ainda, ser categorizado em diferentes tipos, a depender do contexto relacional que caracteriza a relação implicada entre dois estímulos (e.g., *A é igual a B*; *A é maior do que B* etc.): igualdade, diferença, oposição, comparação, temporalidade, condicionalidade etc. Os diferentes tipos ou padrões de respostas relacionais que possam ser especificados por dicas contextuais relacionais particulares (*igual a*, *diferente de*, *oposto de*, *depois de*, *causa de* etc.) são chamados de molduras relacionais (que dão o nome à teoria; ver Hayes et al., 2001; para uma introdução sobre a RFT, em Português, ver de Rose & Rabello, 2012; Perez, Kovac, de Almeida, & de Rose, no prelo; Perez, Nico, Kovac, Fidalgo, & Leonardi, 2013).

Obviamente, a RFT envolve inúmeros outros aspectos para além da sua unidade básica, o RRAA, ou seus tipos específicos, as molduras relacionais. Ainda, é justo dizer que tal formulação, desde a sua apresentação mais sistemática há exatos 20 anos no

¹ <https://doi.org/10.18761/PAC.2021.v12.RFT.editorial>

livro “*Relational Frame Theory: A post-skinnerian account of human language and cognition*” (Hayes et al., 2001), deu origem a um programa crescente e vibrante de pesquisas (Dymond, May, Munnely, & Hoon, 2010; O’Connor, Farrell, Munnely, & McHugh, 2017; ver também Dymond & May, 2018), influenciando áreas diversas que abrangem questões conceituais, de pesquisa básica e de pesquisa aplicada. O presente volume é, naturalmente, um retrato da diversidade que podemos encontrar no âmbito da RFT. Tal diversidade se expressa não só nos temas que orientam as pesquisas aqui apresentadas, mas também no número variado de instituições e de pesquisadores de diferentes países que seguem criando uma rede reticulada de colaborações para o desenvolvimento da RFT.

O presente volume se inicia com dois capítulos, o primeiro liderado por Steven Hayes e o segundo por Dermot Barnes-Holmes. Tais capítulos foram originalmente escritos para o livro “*Teoria das Molduras Relacionais: conceitos, pesquisa e aplicação*” (Perez, Kovac, de Almeida, & de Rose, no prelo) e estão prestes a serem publicados em Português. Como organizador do livro e também desse volume especial, achei que seria um prejuízo à comunidade internacional não possibilitar o acesso a um conteúdo tão importante. Hayes e seus colaboradores apresentam uma apreciação sobre os 35 anos de desenvolvimentos conceituais, de pesquisas básicas e aplicadas desde a primeira apresentação sobre a RFT. Os autores voltam à questão central da teoria: relacionar é um comportamento operante. A partir daí, fazem um sobrevoo sobre diferentes temas abordados pela RFT ao longo dos anos e também apontam desafios que ainda precisam ser enfrentados. Barnes-Holmes, Barnes-Holmes, McEnteggart e Harte, por sua vez, resumem desenvolvimentos conceituais recentes, tais como a organização Hiper-Dimensional Multi-Nível (HDML) e a unidade ROE (relacionar, orientar e evocar), e apontam suas implicações para as interpretações de dados de pesquisa e fenômenos complexos que possam ser interpretados à luz da RFT, focando nos aspectos dinâmicos do RRAA.

Em uma segunda seção, são apresentados artigos que ilustram diversas áreas de aplicação nas quais a RFT tem exercido influência. Inicialmente, Tagliabue, Cesareo, Squatrito e Presti apresentam

uma visão da (1) economia comportamental a partir dos conceitos da RFT. Ao longo do artigo, os autores exploram interpretações contextualistas funcionais sobre tomada de decisão e temas como viés e valores. No (2) contexto clínico, Törneke explora como a análise funcional realizada no setting terapêutico pode ser informada pela RFT e utilizada também como intervenção, como processo de mudança comportamental. Simões e Ferreira apresentam uma análise de como o “pensar” pode ser compreendido desde uma perspectiva funcional e interpretam um caso clínico no qual a maneira como o cliente lida com seus pensamentos é um componente importante na formulação do caso. Mello e Almeida, por fim, exploram o fenômeno clínico da desfusão cognitiva de maneira a solicitar um maior diálogo das práticas terapêuticas da ACT (Acceptance and Commitment Therapy; Hayes, Strosahl, Wilson, 2012) com os conceitos da RFT e com princípios comportamentais básicos, propondo direções de investigação a serem trilhadas no âmbito da pesquisa básica. Stapleton e McHugh utilizam os conceitos da RFT para pensar questões relacionadas ao (3) *self* (Eu). Especificamente, os autores exploram o que seria, pelo menos teoricamente, um ambiente otimizado para o desenvolvimento de um *self* saudável. No mesmo tema, Velozo, Ribeiro e da Silva apresentam uma revisão sistemática de protocolos de treino envolvendo relações dêiticas, um tipo de moldura relacional central na interpretação da RFT acerca do *self* e de fenômenos tais como a tomada de perspectiva. Por fim, no âmbito do (4) treino de repertório relacional em populações que apresentam questões quanto ao desenvolvimento da linguagem e da cognição, Marquetti, Gonçalves e Amaral apresentam uma revisão sistemática de trabalhos que utilizaram os módulos avançados do PEAK (Promoting the Emergence of Advanced Knowledge – Relational Training System) para o ensino de relações arbitrárias entre estímulos e de transformação de função. De maneira similar, Rosa, Silveira e de Almeida apresentam uma revisão de estudos que investigaram o ensino de relações arbitrárias de hierarquia ou o ensino de categorização.

Na seção de artigos conceituais, Aran e de Oliveira apresentam uma análise conceitual de similaridades e diferenças na concepção de lin-

guagem proposta pela RFT e pelo linguista Noam Chomsky. Zapparoli, Marin e Harte, por sua vez, apresentam uma análise conceitual sobre o comportamento governado por regras à luz da RFT e sumarizam desenvolvimentos recentes de pesquisas experimentais, inspiradas pelo HDML.

Por fim, na seção de artigos de pesquisa, Biachi, Perez, Harte e Barnes-Holmes apresentam um estudo experimental que investigou o efeito da coerência relacional sobre o seguimento de regras e sobre o desenvolvimento de preferência por falantes específicos. Na sequência, quatro estudos utilizaram o IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*; Barnes-Holmes, Barnes-Holmes, Stewart, & Boles, 2010) para propósitos diversos. O IRAP é um instrumento que tem sido utilizado para medir a força de dadas relações arbitrárias entre estímulos. Ao longo dos anos, o IRAP tem sido aplicado ao estudo de preconceitos, preferências e vieses. Ainda, o IRAP tem sido utilizado no âmbito da pesquisa básica como medida de grau de relacionamento entre estímulos ou de transformação de função. Nesse contexto, Bortoloti, Pinho, Oliveira, Andrade, Pacífico e Huziwara utilizaram o IRAP como medida de viés de gênero para brinquedos com participantes de duas faixas etárias (18-25 e 40-60 anos). Os resultados sugerem que, para os participantes mais velhos, brinquedos tipificados como masculinos são adequados para meninos e inadequados para meninas; no caso dos participantes mais novos, não foi observado viés de inadequação para nenhuma classe de brinquedos. Teixeira, de Almeida, Bortoloti e Huziwara realizaram uma comparação entre medidas implícitas (IRAP) e explícitas (questionário) na avaliação de casais homoafetivos e heteroafetivos. Os resultados sugerem que participantes heterossexuais apresentaram um viés comportamental positivo tanto para fotos de casais heteroafetivos quanto para fotos de casais homoafetivos. Participantes homossexuais, por sua vez, apresentaram um viés comportamental positivo para fotos de casais homoafetivos e foram neutros em relação a fotos de casais heteroafetivos. Oliveira, de Almeida, Bortoloti, de Oliveira e Huziwara utilizaram o IRAP para comparar a aceitação do uso de diferentes substâncias psicoativas. Foi verificado que, de maneira contraintuitiva, a aceitação das substâncias psicoativas não seguiu

a ordem de prevalência do uso dessas substâncias. No âmbito da pesquisa básica, Perez e colaboradores utilizaram o IRAP para medir a transformação de função de símbolos sem sentido arbitrariamente relacionados a faces expressando medo ou alegria. O estudo replicou sistematicamente achados anteriores, demonstrando, ainda, que o IRAP é sensível à transformação de função mesmo quando o treino relacional ocorre em condições mínimas (com baixo critério de acerto e na ausência de testes de derivação). Por fim, Sunna, Perez e Vichi investigaram o controle contextual de múltiplas funções (C_{func}) derivadas, ou seja, funções adquiridas indiretamente pela participação de estímulos em redes de relações arbitrárias. A partir dos dados regulares sobre a aquisição indireta da função C_{func} , os autores discutem as implicações do controle contextual de múltiplas funções derivadas para uma abordagem comportamental da linguagem e da cognição.

Assim, este volume se encerra com 18 artigos publicados. Embora a difusão de estudos sobre a RFT no Brasil seja recente, essa proposta é uma “velha conhecida” por aqui (Perez et al., no prelo). Em 1987, a RFT foi extensivamente apresentada e debatida durante um curso de três dias ministrado por Steven Hayes e Linda Parrott na Universidade Federal de São Carlos (Hayes & Parrott, 1987). Como afirmado pelo próprio Steven Hayes: “Eu nunca havia dado um workshop intensivo de RFT. O primeiro foi no Brasil há 34 anos” (S. Hayes, comunicação pessoal, 08 de junho de 2021; Perez et al., no prelo). Aqui, a RFT encontrou condições favoráveis à sua disseminação e pesquisa apoiada em décadas de um diálogo profícuo dos pesquisadores brasileiros com a análise comportamental da linguagem e da cognição (sob diferentes perspectivas). Tal terreno foi preparado graças ao apoio de recursos humanos e de financiamentos que sustentaram colaborações entre instituições no Brasil e no exterior – várias delas unidas atualmente pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE)².

Como editor, acredito que o destaque do presente volume é o número expressivo de trabalhos de autores brasileiros, filiados a instituições diversas, para além da participação de pesquisado-

2 www.inctecce.com.br

res internacionalmente reconhecidos. Isso atesta a disseminação do interesse pela RFT em diferentes regiões do país, da graduação à pós-graduação, alcançando também profissionais que são influenciados pela RFT em sua prática cotidiana, como na psicoterapia e no atendimento à população com transtorno do espectro do autismo. Mais do que um retrato dessa diversidade, espero que o presente volume possa ser também um convite para que novas direções de investigação sejam construídas, unindo pesquisadores que têm realizado seu trabalho de maneira isolada. Que esta seja a principal contribuição desse conjunto de trabalhos dedicados à RFT: um convite ao diálogo e à colaboração.

Referências

- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Stewart, I., & Boles, S. (2010). A sketch of the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) and the Relational Elaboration and Coherence (REC) model. *The Psychological Record*, *60*, 527-542. <https://doi.org/10.1007/BF03395726>
- de Rose, J. C., & Rabelo, L. Z. (2012). Teoria das molduras relacionais e possíveis aplicações à educação. *Revista de Deficiência Intelectual*, *3*, 10-15.
- Dymond, S., & May, R. (2018). Quantifying the empirical growth of Relational Frame Theory research: A cautionary note. *The Psychological Record*, *68*, 255-260. <https://doi.org/10.1007/s40732-018-0278-z>
- Dymond, S., May, R. J., Munnely, A., & Hoon, A. E. (2010). Evaluating the evidence base for relational frame theory: A citation analysis. *The Behavior Analyst*, *33*, 97-117. <https://doi.org/10.1007/BF03392206>
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (Eds.). (2001). *Relational Frame Theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition*. Plenum.
- Hayes, S. C., & Parrott, L. J. (1987, Junho). *Verbal relations* [Workshop de três dias]. Universidade Federal de São Carlos, Sao Carlos, Brazil.
- Hayes, S. C., & Sanford, B. T. (2014). Cooperation came first: evolution and human cognition. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *101*, 112-129. <https://doi.org/10.1002/jeab.64>
- O'Connor, M., Farrell, L., Munnely, A., & McHugh, L. (2017). Citation analysis of relational frame theory: 2009-2016. *Journal of Contextual Behavioral Science*, *6*, 152-158. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2017.04.009>
- Perez, W. F. (no prelo). Comportamento Verbal e Teoria das Molduras Relacionais: uma visão integrativa. Em W. F. Perez, R. Kovac, J. H. de Almeida & J. C. de Rose (Eds.), *Teoria das Molduras Relacionais (RFT): conceitos, pesquisa e aplicação*. Paradigma.
- Perez, W. F., Kovac, R., de Almeida, J. H., & de Rose, J. C. (no prelo). *Teoria das Molduras Relacionais (RFT): conceitos, pesquisa e aplicação*. Paradigma.
- Perez, W. F., Nico, Y. C., Kovac, R., Fidalgo, A. P., & Leonardi, J. L. (2013). Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *4*, 32-50. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v4i1.105>